A ALIANÇA NACIONAL LIBERTADORA E A ESQUERDA PARANAENSE

Natália Cristina Granato[1]

Resumo

No contexto pós-revolução de 1930, a Aliança Nacional Libertadora (ANL) foi a maior tentativa de aproximação entre o movimento tenentista e as massas populares em direção a um projeto nacional de desenvolvimento e revolução social. O programa da ANL era definido pelos seguintes pontos: a luta anti-imperialista com suspensão das dívidas do país, nacionalização, proteção aos pequenos e médios produtores, direito ao exercício de liberdades e a constituição de um governo popular. No Paraná, sua principal liderança foi Octávio da Silveira, deputado federal que lutou ativamente para apoiar o direito à organização da agremiação em termos locais e nacionais. Outro ator político estratégico foi o capitão Amorety Osório, que chegou a ocupar a vice-presidência da ANL, na ocasião de sua fundação. Esse trabalho pretende investigar quais eram os principais campos de atuação de Octávio da Silveira e Amorety Osório, analisando as suas trajetórias políticas através do levantamento de capitais sociais e políticos, identificando cargos ocupados e posicionamentos ideológicos. Através desse estudo, identificaremos como parte da esquerda paranaense no contexto da política dos anos 1930 organizou-se em torno da Aliança Nacional Libertadora.

Palavras-chave
Aliança Nacional Libertadora; Octávio da Silveira; Amorety Osório.

[1] Doutora em Sociologia (UFPR). Professora Substituta do Departamento de Teoria e Prática de Ensino da Universidade Federal do Paraná.

Abstract

In the post-1930 revolution context, the National Liberation Alliance (Aliança Nacional Libertadora – ANL) was the largest attempt to bring the *tenentista* movement and the popular masses closer together toward a national project of development and social revolution. The ANL's program was defined by the following points: the anti-imperialist struggle with the suspension of the country's debts, nationalization, protection for small and medium-sized producers, the right to exercise freedoms, and the establishment of a popular government. In Paraná, its main leader was Octávio da Silveira, a federal deputy who actively fought to support the association's right to organize at local and national levels. Another strategic political actor was Captain Amorety Osório, who served as vice president of the ANL at the time of its founding. This work aims to investigate the main fields of action of Octávio da Silveira and Amorety Osório, analyzing their political trajectories through a survey of social and political capital, identifying positions held, and ideological stances. Through this study, we will identify how a section of the left in Paraná organized around the National Liberation Alliance in the context of 1930s politics.

Keywords
National Liberation Alliance; Octávio da Silveira; Amorety Osório.

Introdução

No contexto pós-revolução de 1930, a Aliança Nacional Libertadora (ANL) foi a maior tentativa de aproximação entre o movimento tenentista e as massas populares em direção a um projeto nacional de desenvolvimento e revolução social. Esse movimento político surgiu através das divisões internas no tenentismo, que se verificaram nas eleições de 1930, e se intensificaram com a Revolução de 1930.

No contexto das eleições de 1930, um grupo de tenentes colaborou com a Aliança Liberal era composto por Siqueira Campos, Estillac Leal, João Alberto e Juarez Távora. Eles participaram de negociações com os membros civis extremados da Aliança Liberal, tais como João Neves, Flores da Cunha, Afrânio Melo Franco e Virgílio de Melo Franco (FRANCO, 1980, p.120). Em contraposição,

Luís Carlos Prestes, líder da Coluna tenentista que levou o seu nome, não aderiu ao movimento de outubro, denunciando a fragilidade de sua ideologia: "A revolução brasileira não pode ser feita com o programa anódino da Aliança Liberal" (PRESTES, 1986, p.226).

Com a vitória do movimento de 1930, muitos tenentes que participaram da Revolução de 1930 passaram para o governo. O grupo de Juarez Távora e João Alberto era composto de tenentes mais conservadores, próximos a Góes Monteiro.

Outro grupo de tenentes com notabilidade política era composto de críticos a Vargas, que conspiraram na Revolta de 1932. Esse foi o caso de Isidoro Dias Lopes e Herculano de Carvalho e Silva, que se uniram a Bertoldo Klinger para combater o Governo Provisório através das armas.

No espectro da esquerda tenentista crítica ao governo Vargas, figuravam Luís Carlos Prestes, Miguel Costa e Hercolino Cascardo. Prestes era a maior liderança tenentista de todos os tempos, sua fama de estrategista militar era internacionalmente reconhecida, e seu prestígio popular era notório. Miguel Costa[2], seu companheiro na Coluna Prestes, apoiou o Movimento de 1930 e atuou como Secretário de Segurança na interventoria de João Alberto no estado de São Paulo. Presidente da Legião Revolucionária, foi preso na ocasião da Revolta de 1932. A sua volta à política foi marcada pela sua atuação na construção da Aliança Nacional Libertadora 1935. Hercolino Cascardo[3] era outro velho conhecido de Prestes, desde os levantes tenentistas de 1924. Na ocasião do movimento de outubro de 1930, atuou ao lado das tropas rebeldes contrárias à Washington Luís. Fundador do Clube 3 de Outubro, foi nomeado por Vargas para a interventoria federal no Rio Grande do Norte. Afastado do cargo por motivos pessoais, voltou a arena política combatendo as tropas rebeladas de São Paulo, na ocasião da Revolta de 1932. Após esse evento, aproximou-se das ideias de esquerda, sendo um dos fundadores do Partido Socialista Brasileiro. Foi designado por Vargas a sondar a União Soviética sobre um reatamento das relações diplomáticas entre os países. Em 1935, foi um dos fundadores da Aliança Nacional Libertadora.

Foi nesse contexto de intensificação das divisões internas no tenentismo que a ANL surge como força política decisiva nos rumos da política nacional. Todavia, este cenário também estava marcado pela reorganização das oligarquias

[2] CPDOC FGV. Miguel Costa. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/miguel_costa. Acesso em 10.fev.2026.

[3] CPDOC FGV. Hercolino Cascardo. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/hercolino_cascardo. Acesso em 10.fev.2026.

em oposição ao governo Vargas. Em São Paulo, Frente Única Paulista, união do Partido Democrático e do Partido Republicano Paulista, obteve a maior parte dos votos nas eleições de 1933. Em Minas Gerais, o compromisso com as oligarquias aumentava com a interventoria de Olegário Maciel. No Rio Grande do Sul, um processo similar ocorreu, com a interventoria de Flores da Cunha.

Nos estados com interventores tenentes, os ataques das oligarquias foram duros, resultando na demissão ou afastamento de seus ocupantes. No Rio Grande do Norte, Hercolino Cascardo e Bertino Dutra eram combatidos pelas oligarquias. No Ceará, Sá Carneiro de Mendonça também sofria oposição oligárquicas. Na Bahia, Juracy Magalhães oscilava entre acordos com as oligarquias e as reformas (HERNANDEZ, 1985, p.21).

Após a demissão de vários interventores tenentes, o enfraquecimento do poder político tenentista no governo Vargas foi escancarado. Como resposta, a ala mais radical dos militares ligados ao tenentismo tentou se organizar em agremiações partidárias, algo que era novidade na prática política desses agentes, visto que estavam acostumados a organização por levantes, clubes militares e legiões revolucionárias.

O ex-interventor federal em São Paulo João Alberto chegou a formar uma frente composta por anarquistas, comunistas, operários e membros da baixa classe média para exercer pressão política frente ao governo. Com o amadurecimento desta proposta, o Partido Socialista Brasileiro foi fundado, com um programa socialista que inicialmente contava com a simpatia de Juarez Távora, Pedro Ernesto, Hercolino Cascardo e Miguel Costa. No entanto, essa agremiação enfraqueceu, com a adesão de vários militares a dois grupos: ou integrando a Aliança Nacional Libertadora, ou através do retorno do apoio integral ao governo Vargas (ALEXANDER, 1979).

Organização tenentista no Paraná

A partir deste panorama de enfraquecimento do caráter governista do movimento tenentista e direcionamento da luta política destes agentes para a oposição ao governo Vargas, seja por via da direita (como foi o caso de tenentes ligados à Revolta Paulista de 1932) ou através de agremiações de esquerda, as lideranças tenentistas se organizavam nos estados.

No Paraná, as maiores lideranças nacionalistas radicais eram **Carlos Amorety Osório** e **Octávio da Silveira**. Ambos foram fundamentais para a organização nacional das agremiações que surgiram no decorrer da década de 1930.

O início da organização de esquerda no estado ocorreu a partir da realização do I Congresso Nacional Revolucionário, em novembro de 1932. Um dos seus membros foi o capitão Amorety Osório. Como desfecho desse congresso, foi fundado o Partido Socialista Brasileiro (CPDOC FGV[4]).

Amorety Osório era membro da Legião Revolucionária do Paraná e uma das principais lideranças de oposição a Mário Tourinho durante a sua interventoria. Ganhou popularidade ao participar ativamente dos desfechos do movimento de outubro de 1930, ao lado de Vicente Mário de Castro. Ambos pertenceram ao movimento tenentista da década de 1920. Amorety Osório atirou no major Correia Lima, a única vítima fatal da Revolução de 1930 no Paraná.

Com a fundação do Partido Socialista Brasileiro (PSB), Amorety Osório se tornou secretário-geral da agremiação. Na ocasião do fechamento da sede desse partido, Osório foi preso no Quartel General da Região Sul (CORREIO DO PARANÁ. Fechada a sede do Partido Socialista e preso o capitão Amorety. 28.jul.1933, p.1).

Após a prisão de Amorety Osório, seu antigo companheiro da Legião Revolucionária Paranaense, Francisco Guérios, emitiu uma declaração pública de solidariedade e apreço ao capitão Amorety Osório, que era líder da ala esquerda do Clube 3 de Outubro, de orientação tenentista. Juntamente com Guérios, outra liderança do tenentismo revolucionário paranaense, Paulo Tacla, também declarou apoio a Amorety Osório. Segundo Tacla, a Revolução estava desconfigurada, e a "figura máscula" de Amorety Osório resgatava a espada dos revolucionários de 1930 e os canhões do 9º Regimento (CORREIO DO PARANÁ. 22.mai.1934, p.2).

A trajetória de Amorety Osório indica o distanciamento de Manoel Ribas em relação às lideranças do tenentismo revolucionário paranaense com o passar dos anos de sua interventoria. A sua prisão foi um evento que marcou a ruptura entre o interventor e as lideranças de Amorety Osório, Francisco Guérios e Paulo Tacla.

Sua trajetória também assinala o movimento que ocorreu com a proibição de funcionamento do PSB, no qual os seus membros dirigiram-se para a organi-

[4] DHBB CPDOC FGV. Verbete Partido Socialista Brasileiro (PSB- 1932- 1937). Disponível em: http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/partido-socialista-brasileiro-psb-1932-1937. Acesso em 17.set.2026.

zação de uma notável organização política que surgiu no período democrático vivenciado pelo Brasil: a Aliança Nacional Libertadora (ANL).

Já Octávio da Silveira era um médico civil que apoiava o Movimento Tenentista. Nascido em Tupanciretã, Rio Grande do Sul, no ano de 1895, não possuía vínculos com a classe dominante tradicional local. Estabelecendo-se no Paraná, tornou-se um prestigiado professor da Faculdade de Medicina da Universidade do Paraná. Simpatizante do movimento tenentista, apoiou a Revolução de 1930 no estado, distanciando-se, no entanto, da liderança dos irmãos Tourinho. Passou para a oposição nos primeiros meses do governo revolucionário, denunciando ações da interventoria paranaense ao governo central, através de cartas enviadas aos gabinetes de Oswaldo Aranha e de Getúlio Vargas, em nome da Legião Revolucionária Paranaense. Com a exoneração de Mário Tourinho, foi nomeado Diretor de Instrução Pública pelo interventor Manoel Ribas, cargo em que permaneceu até 1934. Alinhado ao governo, filiou-se ao Partido Social Democrático, legenda em que se elegeu deputado federal, sendo o campeão de votos nas eleições de 1934, o que demonstra a grande popularidade de Silveira em relação ao eleitorado paranaense.

O vínculo com o tenentismo de Octávio da Silveira era tão intenso ao ponto de integrar-se à ala mais radical da esquerda do movimento. Identificado com os ideais de Luís Carlos Prestes e à ideologia comunista, o então deputado federal Octávio da Silveira vinculou-se à Aliança Nacional Libertadora, organização em que chegou a exercer a presidência, a partir de julho de 1935. Após a sua prisão, interrompeu sua carreira política com o Estado Novo.

No Paraná, Manoel Ribas conseguiu angariar as oligarquias e os membros do "tenentismo revolucionário". Seu governo era composto por elementos da classe dominante tradicional, oligárquica e elitista, ao mesmo tempo em que agregava integrantes da esquerda revolucionária, que ajudaram inclusive a organização da Aliança Nacional Libertadora. O interventor também possuía ligações com elementos ligados ao integralismo. Na prática, a liderança de Ribas agregava a múltiplos e diversos grupos e atores políticos.

Essas duas lideranças tenentistas no Paraná distanciaram-se de Manoel Ribas e aliaram-se ao movimento aliancista, exercendo destaque no cenário nacional. A maior tentativa de aproximação entre o movimento tenentista e as massas populares foi colocada em prática pela Aliança Nacional Libertadora. Composta de tenentes históricos, tais como Luís Carlos Prestes, André Trifino Correia, Silo Meirelles, Carlos da Costa Leite, Carlos Amorety Osório, Herco-

lino Cascardo, Roberto Sisson, Agildo Barata, Francisco Moésias Rolim, João Cabanas e Miguel Costa, a este grupo se juntou um número expressivo de jovens oficiais radicais (DRUMMOND, 1986, p.263). Em menos de quatro meses, a Aliança Nacional Libertadora fundou 1500 núcleos, 500 deles no Rio de Janeiro (HERNANDEZ, 1985, p.48). Seções estaduais surgiram no Espírito Santo, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Ceará, Pará, Goiás, São Paulo e Rio Grande do Sul (SILVA, 1969, p.197).

O crescimento das atividades da ANL intensificou-se com a Caravana Libertadora, que percorreu o Norte e o Nordeste através de comícios com lideranças tenentistas, como João Cabanas e Roberto Sisson. Greves eram organizadas voluntariamente pela população, aumentando a adesão popular aos comícios (VIANNA, 2011, p.172).

O programa da ANL era definido pelos seguintes pontos: a luta anti-imperialista com suspensão das dívidas do país, a nacionalização, a proteção aos pequenos e médios produtores, o direito ao exercício de liberdades e a constituição de um governo popular (SOUZA, 1976, p.74).

O presidente da ANL de São Paulo era Miguel Costa, tendo como vice, Caio Prado Júnior. Miguel Costa, ex-presidente da Legião Revolucionária de São Paulo, direcionava grandes esforços na organização operária. Com o declínio do tenentismo, seu espaço político diminuiu, o que o levou para uma reaproximação com Prestes, aderindo à ANL.

Com o declínio do poder político dos interventores-tenentes, verificável entre os anos de 1932 e 1933, as cisões no movimento tenentista se intensificaram, encaminhando tais lideranças a diferentes correntes políticas. Hercolino Cascardo, interventor no Rio Grande do Norte entre os anos de 1931 e 1932, é um exemplo desse movimento. Em uma carta a Getúlio Vargas, datada de 12 de julho de 1933, o ex-revolucionário de 1924 explicou ao chefe do governo provisório que lutaria pela libertação do povo, contrária a situação dominante que antecedia uma constituição. Segundo Cascardo, a Constituinte retomaria o sistema política anterior à Revolução de 1930 (SILVA, 1968, p.200).

Hercolino Cascardo atuou no levante tenentista de 1924 e participou da Coluna Prestes. Suas origens sociais revelam o vínculo com o pensamento de esquerda. Seu pai, italiano e socialista, introduziu o pensamento social e progressista na sua criação (LEVINE, 1980, p.107). Tendo grande influência no Clube 3 de outubro, foi prestigiado com a interventoria no Rio Grande do Norte.

O segundo grupo político que ajudou a constituir a Aliança Nacional Libertadora era composto pelos deputados de oposição ao governo, conhecida como "Minoria Parlamentar". Suas principais bandeiras defendiam a anistia e a ampliação do espaço democrático. Entre seus integrantes, destacavam-se Abguar Bastos e Octávio da Silveira (VIANNA, 2011, p.130). Abguar Bastos Damasceno, natural de Belém, estado do Pará, participou da Revolução de 1930 no seu estado natal, tornando-se chefe de gabinete do interventor Magalhães Barata, posto em que permaneceu até 1931. Elegeu-se deputado federal pelo Partido Liberal do Pará nas eleições de 1934. Em março de 1935, antes da posse do seu mandato, tornou-se membro da Aliança Nacional Libertadora (DHBB CPDOC FGV. Verbete Abguar Bastos[5]).

Octávio da Silveira é o representante do Paraná que foi peça chave na organização da ANL. Como deputado federal, lutou ativamente para apoiar o direito à organização da agremiação, redigindo requerimentos que questionavam a expulsão dos capitães Carlos da Costa Leite e Trifino Correia das fileiras do exército, pelo fato de se filiarem à ANL (SILVA, 1969, p.174).

O início da Aliança Nacional Libertadora data do segundo semestre de 1934, quando a organização foi planejada pelas suas lideranças. Sua fundação foi oficializada em 17 de janeiro de 1935 (VIANNA, 2011, p.139).

O Diretório Nacional da ANL era composto de 17 membros, dos quais 8 eram militares e 9 eram aliados civis dos tenentes. Entres seus membros, destacam-se Hercolino Cascardo, comandante da Marinha e presidente da ANL, Carlos Amorety Osório, vice-presidente da ANL, e Roberto Sisson, comandante da Guerra.

A partir de outubro de 1934, a ala esquerda do Clube 3 de Outubro passou a se direcionar à ANL. Um dos locais onde se realizavam as reuniões era o apartamento de Octávio da Silveira. Ele foi um dos fundadores da organização, juntamente com Moésias Rolim, Nemo Canabaro Lucas, Luís Marques Bareto Viana, Trompowsky Tolois, Valter Pompeu, Antônio Rolemberg e Trifino Correa. Nos meses que se sucedera, Hercolino Cascardo e Carlos da Costa Leite aderiram ao movimento, juntamente com membros do Partido Comunista Brasileiro, do Partido Socialista Brasileiro e do Partido Social Democrático, todos em igualdade de condições. Tratando-se de uma frente antifascista, anti-imperialista e

[5] DHBB CPDOC FGV. Verbete Abguar Bastos Disponível em: http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/abguar-bastos-damasceno . Acesso em 20.set.2026.

anti-latifundiária, ganhou a adesão de sindicatos de trabalhadores, organizações femininas e estudantis (SILVA, 1969, p.197).

Apogeu e declínio da Aliança Nacional Libertadora

Nos primeiros meses de 1935, a polarização entre integralistas e aliancistas se intensificou (VIANNA, 2011, p.167). A ANL angariou importantes adeptos ao longo do ano de 1935. Suas principais lideranças incluíam nomes como Luís Carlos Prestes, Miguel Costa e João Cabanas, heróis do movimento tenentista, Hercolino Cascardo, tenente carioca que foi interventor do Rio Grande do Norte entre 1931 e 1932, Abguar Bastos, Domingos Velasco e Octávio da Silveira, deputados federais, Maurício de Lacerda, aliado civil dos movimentos tenentistas e líder político no Rio de Janeiro, Agildo Barata, tenente, ex-secretário de Juarez Távora e membro do PCB e Gregório Bezerra, oficial que também pertencia ao PCB. Com exceção a Luís Carlos Prestes, todos participaram ativamente da Revolução de 1930, ocupando cargos nos primeiros momentos, passando para a oposição ao governo. A secretaria-geral da ANL era ocupada por Roberto Sisson, tenente e posterior membro do PCB. A ANL também contava com Pedro Ernesto, prefeito do Distrito Federal e apoiador do movimento tenentista, Magalhães Barata, interventor tenentista do Pará.

Barata estava revoltado com as oposições que sofria das oligarquias paraenses. Os laços de solidariedade entre os tenentes tornaram possível a sua adesão à ANL, através do convite feito pelo seu velho companheiro, Roberto Sisson (SILVA, 1969, p.202).

João Alberto foi convidado por Prestes a aderir à Aliança Nacional Libertadora, porém ele não aceitou a proposta enviada pela carta do ex-companheiro (SILVA, 1969, p.174).

No dia 8 de junho de 1935, a ANL lançou um manifesto à Nação, difundindo a adesão de Luís Carlos Prestes ao movimento. No dia seguinte, ocorreu o comício da ANL em Petrópolis, com a presença de Roberto Sisson. Tiros da sede da Ação Integralista Brasileira foram lançadas à multidão, causando o ferimento de milhares de pessoas e a morte de um operário. Em protesto, a ANL convocou uma greve geral, e Sisson acusou o desvio de armas das Forças Armadas aos integralistas (VIANNA, 2011, p.171).

A oposição da imprensa se registrou intensamente com as matérias do jornal O Globo, sob a editoria de Roberto Marinho. Uma campanha de acusações que envolviam a ANL, associando-a ao movimento comunista internacional, liderado pela União Soviética, que conspirava no país através de atos "terroristas", quarteladas e raptos de oficiais (VIANNA, 2011, p.188).

Em resposta às acusações, Hercolino Cascardo, presidente da ANL afirmava que a organização agia de acordo com a Constituição e do programa tenentista. A ANL possuía propostas anti-imperialistas, contrárias ao latifúndio, apoiando ações que garantissem a melhoria das condições de vida do povo e a ampliação da democracia (VIANNA, 2011).

A repressão contra a ANL se aprofundou após a publicação do Manifesto de Luís Carlos Prestes, que convocava o povo para a instauração de um governo popular nacional revolucionário:

> "(...) Brasileiros!
> Todos vós que estais unidos pelo sofrimento e pela humilhação em todo o Brasil! Organizai vosso ódio contra os dominadores, transformando-o na força irresistível e invencível da Revolução Brasileira! Vós que nada tendes para perder e a riqueza imensa de todo o Brasil a ganhar! Arrancai o Brasil das garras do imperialismo e de seus lacaios! Todos à luta pela libertação nacional do Brasil!
> Abaixo o fascismo!
> Abaixo o governo odioso de Vargas!
> Por um governo popular nacional revolucionário!
> Todo o poder à Aliança Nacional Libertadora! (SILVA, 1969, p.188)".

Esse manifesto foi divulgado no dia 5 de julho de 1935, data em que Miguel Costa aderiu ao movimento através de um anúncio realizado em um comício na capital paulista, contando com aproximadamente 10 mil pessoas (VIANNA, 2011).

Nesse cenário de repressão, a ANL precisou ser reorganizada quando o seu presidente, Hercolino Cascardo, foi transferido para Santa Catarina e o seu vice, **Amorety Osório**, para o Pará. Osório precisou prestar informações ao Ministério da Guerra, que questionava o seu comparecimento em reuniões e repre-

sentações políticas, perguntando se também participou do comício da ANL em Petrópolis, no dia 5 de julho. Em resposta, Amorety Osório escreveu:

> "Ao sr. Chefe do TPE. Em cumprimento a vossa circular 548 informo: a) que compareci a todas as reuniões públicas realizadas nesta capital pela ANL, em traje civil e sem declarações de posto ou cargo, função ou comissão exercida, em pleno gozo dos direitos políticos e individuais que me são assegurados pela Constituição da República em seus artigos 108 e 113, nºs 2, 4 e 11; b) não compareci à reunião da ANL em sua sede à Rua Almirante Barroso, 1, salas 1 e 2, no dia 5 do corrente, por estar vedado acesso à mesma pela grande massa popular que se comprimia na porta de entrada da referida sede" (SILVA, 1969, p.189-190)

O deputado federal **Octávio da Silveira** assumiu a presidência da ANL a partir de julho de 1935 (VIANNA, 2011, p.201). Octávio da Silveira leu o Manifesto da Aliança Nacional Libertadora na tribuna da Câmara dos Deputados. Como reação ao crescimento que o movimento registrava e a repercussão que o manifesto teve, Vargas editou o Decreto nº 229, de 11 de julho de 1935, decretando o fechamento de todos os núcleos da ANL, espalhados pelo território nacional, quatro meses após a sua fundação[6]. Após tais acontecimentos, o fechamento da ANL foi assinado no dia 11 de julho, e várias lideranças foram presas no dia 12 de julho de 1932 (VIANNA, 2011, p.192).

A direção da ANL entrou com um mandado de segurança contra o fechamento da agremiação, solicitando a apresentação das provas de que a entidade possuía "planos subversivos mancomunados" com Moscou (VIANNA, 2011, p.201).

Mesmo na ilegalidade, as caravanas da ANL angariavam multidões de apoiadores no Brasil, em especial na região Nordeste (VIANNA, 2011, p.202). Tratava-se de um programa que previa a reforma social para o país e combatia a ofensiva fascista em crescimento, especialmente nos estados do Centro-Sul do País. Os integralistas perseguiam os aliancistas e comunistas no território, sem sofrer as repressões do governo federal, com base na Lei de Segurança Nacional.

[6] A História da Câmara dos Deputados. A 2a República. Disponível em https://www2.camara.leg.br/a-camara/conheca/historia/a2republica.html. Acesso em 27.mar.2026.

Um dos momentos de maior inflexão ocorreu na invasão do Congresso, na ocasião da prisão de quatro deputados que pertenciam ao bloco pelas liberdades públicas, sendo eles: Abguar Bastos, Domingos Velasco, João Mangabeira e Octávio da Silveira, além do senador Abel Chermond (LEVINE, 1980, p.199). Octávio da Silveira[7] exercia a presidência da ANL, e sua prisão foi inconstitucional.

Após estes acontecimentos, alguns governadores aliados de Vargas passaram para a oposição, como foi o caso de Juracy Magalhães e Carlos de Lima Cavalcanti (LEVINE, 1980, p.217).

Em São Paulo, a frente anti-fascista contou com a chefia de Miguel Costa. Neste estado, Prestes depositava grande confiança para reunir membros descontentes com o governo Vargas que lutassem em prol do programa da ANL.

No Paraná, o deputado federal Plínio Tourinho exerceu sua oposição ao governo federal. Manifestando-se novamente contra Vargas, o dissidente revolucionário colaborou com 50 oficiais do exército e da polícia paranaense que estavam em contato com cerca de 1000 legionários maçons para combater o fascismo na região (VIANNA, 2011, p.238). Com a aprovação da Lei de Segurança Nacional pelo Congresso Nacional, instituiu-se o novo sistema de repressão aos crimes políticos. Em resposta, Plínio Tourinho constituiu o Grupo Parlamentar Pró-Liberdades Populares, juntamente com os deputados Café Filho, Domingos Velasco, Rodolfo Mota Lima, Júlio Novais, Freire de Andrade, Genaro Ponte Sousa, José Patrocínio, Abílio de Assis, Fenelon Perdigão. Demócrito Rocha, Antônio Carvalhal, Alípio Costallat, Mário Chermont, Plínio Pompeu, Crisóstomo de Oliveira, Martins e Silva, Paula Soares, Martins Veras, Augusto do Amaral Peixoto e Aldemar Rocha Este grupo parlamentar defendia as liberdades constitucionais, como a liberdade de organização. Defendia o fechamento da AIB, ou, por equidade, a suspensão da repressão à ANL (SILVA, 1969, p.261-262).

O ano de 1935 registrou inúmeros momentos de instabilidade para o governo Vargas. No Rio Grande do Sul, Flores da Cunha levou toda a bancada para a oposição ao governo, ressentido de não ter o reconhecimento de Vargas na ocasião em que este se manteve fiel às forças federais contra a ofensiva paulista de 1932. As oligarquias gaúchas tentavam arregimentar os estados de Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Mato Grosso e Rio de Janeiro contra Vargas (VIANNA, 2011, p.200).

[7] Após os acontecimentos de 1935, Octávio da Silveira retornou à carreira política no Partido Comunista Brasileiro, como candidato à deputado federal. Entretanto, não se elegeu, sendo expulso do partido em 1946 (MONTEIRO, 2013, p.50)

Em São Paulo, Armando de Salles Oliveira foi eleito governador com amplo apoio das oligarquias políticas e das classes economicamente dominantes, que exerciam o seu domínio no comércio e na indústria.

A maior crise do ano foi manifestada em novembro. Com a eclosão do conflito no Rio Grande do Norte, o interventor Mário Câmara, antes perseguido por opositores, aliou-se a eles para combater o "perigo comunista". No entanto, o levante de Natal foi uma sublevação de cabos, sargentos, operários e funcionários públicos, que não faziam ideia do comunismo (SILVA, 1969, p.279-280). A ação da ANL remetia-se aos ideais tenentistas, resgatando os anseios populares da Revolução de 1930.

Com o decreto que instituiu o Estado de Sítio, a repressão ao movimento aliancista foi severa. Felinto Muller e o Capitão Miranda Correia foram treinados na Gestapo, incorporando métodos nazistas para o "combate ao comunismo" (SILVA, 1969, p.307). Houve uma infiltração de espiões treinados na Gestapo dentro do PCB para denunciar os levantes em andamento (SILVA, 1969). O jornal francês L'Humanité declarou que cerca de 17 mil militantes foram presos após as repressões à ANL (LEVINE, 1980).

Considerações Finais

Nesse artigo, assinalamos o importante papel da Aliança Nacional Libertadora no cenário político brasileiro na década de 1930. Seu programa abordava pontos fundamentais como a luta anti-imperialista, a suspensão das dívidas do país, a nacionalização, a proteção aos pequenos e médios produtores, o direito ao exercício das liberdades e a constituição de um governo popular. A organização representou uma importante frente de oposição ao governo Vargas e constituiu um espaço de articulação entre diferentes segmentos políticos e sociais, reunindo antigas lideranças do movimento tenentista, militares, parlamentares, intelectuais, trabalhadores, estudantes e organizações políticas.

A trajetória da ANL também permite compreender as transformações ocorridas no movimento tenentista após a Revolução de 1930. A participação de parte dos tenentes no governo provisório não significou a constituição de um grupo politicamente homogêneo. Ao longo dos primeiros anos da década de 1930, conflitos com o governo Vargas, disputas com as oligarquias estaduais e diferentes concepções acerca dos rumos da Revolução contribuíram para a fragmentação

do movimento. Enquanto determinados setores permaneceram próximos ao governo, outros passaram à oposição e buscaram novas formas de organização política. Entre estes últimos, uma parcela aproximou-se de propostas socialistas, comunistas e antifascistas, processo que encontrou na ANL um importante espaço de convergência.

No Paraná, sua principal liderança foi Octávio da Silveira, deputado federal que lutou ativamente para defender o direito à organização da agremiação em âmbito nacional e estadual. Outro ator político estratégico foi o capitão Carlos Amorety Osório, que chegou a ocupar a vice-presidência da ANL em sua direção nacional. As trajetórias desses dois agentes evidenciam que a organização da esquerda paranaense não ocorreu de maneira isolada das transformações políticas nacionais. Ao contrário, esteve relacionada às disputas internas do tenentismo, às mudanças nas relações entre as lideranças revolucionárias e o governo Vargas e à constituição de novas formas de participação e organização política.

A análise das trajetórias de Amorety Osório e Octávio da Silveira permite, ainda, identificar diferentes caminhos percorridos pelas lideranças que haviam participado ou apoiado a Revolução de 1930. Suas experiências revelam que o tenentismo não constituiu um bloco político homogêneo e que seus integrantes assumiram posições distintas diante do governo Vargas e das transformações políticas do período. No caso paranaense, a aproximação de determinadas lideranças com a ANL expressou tanto o distanciamento em relação ao governo quanto a busca por alternativas políticas capazes de incorporar demandas sociais, democráticas e nacionalistas.

Desse modo, a experiência da ANL no Paraná contribui para ampliar a compreensão sobre a atuação das forças políticas de esquerda no estado durante a década de 1930. A participação de lideranças como Amorety Osório e Octávio da Silveira demonstra a existência de redes políticas que articulavam o espaço estadual ao cenário nacional, conectando militares, parlamentares e outros setores sociais em torno de pautas comuns.

Por fim, identificamos como parte da esquerda paranaense, no contexto da política dos anos 1930, organizou-se em torno da Aliança Nacional Libertadora, trajetória muitas vezes pouco explorada pelas narrativas tradicionais. Recuperar essas experiências significa incorporar à análise histórica os conflitos, projetos e sujeitos que participaram das disputas políticas do período e que foram posteriormente atingidos pela repressão política instaurada durante o governo Vargas e aprofundada após 1935. Nesse sentido, o estudo da ANL e de suas lideranças

paranaenses contribui para deslocar o olhar das narrativas centradas exclusivamente nos grupos que consolidaram o poder e permite compreender a década de 1930 também a partir das disputas e dos projetos políticos que foram derrotados, reprimidos ou silenciados.

RECEBIDO em 15/05/2026
APROVADO em 18/09/2026

Referências bibliográficas

ALEXANDER, Robert. "O Movimento Tenentista". In: FIGUEIREDO, Eurico de Lima (org.). **Os militares e a Revolução de 1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

CORREIO DO PARANÁ. Fechada a sede do Partido Socialista e preso o capitão Amorety. 28.jul.1933, p.1

CORREIO DO PARANÁ. 22.mai.1934, p.2

CPDOC FGV. Miguel Costa. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEra-Vargas1/biografias/miguel_costa. Acesso em 10.fev.2026.

CPDOC FGV. Hercolino Cascardo. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/hercolino_cascardo.2. Acesso em 20.set.2026.

CPDOC FGV. Verbete Partido Socialista Brasileiro (PSB- 1932- 1937). Disponível em: http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/partido-socialista-brasileiro--psb-1932-1937. Acesso em 20.set.2026.

CPDOC FGV. Verbete Abguar Bastos. DHBB CPDOC FGV. Verbete Abguar Bastos Disponível em: http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/abguar-bastos-da-masceno. Acesso em 20.set.2026.

DRUMMOND, José Augusto. **O movimento tenentista**: a intervenção política dos oficiais jovens (1922-1935). Rio de Janeiro: Graal, 1986.

FRANCO, Virgílio de Melo. **Outubro, 1930**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

GRANATO, Natália Cristina. **O processo da Revolução de 1930 no Paraná**: atores políticos e dissidências oligárquicas. Tese. Doutorado em Sociologia. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 2021.

HERNANDEZ, 1985, p.21. HERNANDEZ, Leila. **Aliança Nacional Libertadora**: Ideologia e Ação. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

LEVINE, Robert. **O regime de Vargas**: os anos críticos, 1934-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

PRESTES, Luiz Carlos. Manifesto de Maio (29 Maio de 1930). In: BASTOS, Abguar. **Prestes e a Revolução Social**: fatos políticos, condições sociais e causas econômicas de uma fase revolucionária do Brasil. São Paulo: HUCITEC, 1986.

SOUZA, 1976, p.74 SOUZA, Maria do Carmo Campello de. **Estado e Partidos Políticos no Brasil** (1930 a 1964). São Paulo: Alfa-Ômega, 1976.

SILVA, Hélio. **1933**: A crise do tenentismo (O ciclo de Vargas- volume VI). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

SILVA, Hélio. **1935**: A revolta vermelha (O ciclo Vargas- Volume VIII). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

VIANNA, Marly de Almeida Gomes**. Revolucionários de 1935**: sonho e realidade. São Paulo: Expressão Popular, 2011.